

Encontro internacional na Faculdade de Direito



José Miguel Júdice, advogado

“Coimbra deve fazer crescer o ensino da arbitragem”

Evento, de José Miguel Júdice e António Pinto Leite, decorre a 20, 21 e 22 de outubro

Porquê um encontro de arbitragem em Coimbra?

E será o primeiro de muitos encontros em Coimbra. Por duas razões. Uma porque eu puxo tudo para Coimbra. A segunda, porque Coimbra em matéria jurídica tem um prestígio no Brasil que as pessoas daqui não imaginam.

A arbitragem tem tradição em Coimbra?

Não há grande tradição da arbitragem em Coimbra, como não há uma grande tradição da arbitragem em Portugal. Mas Coimbra é uma escola de Direito de referência. Coimbra tem grandes juristas e, também aí, se podem criar grandes árbitros. Mas também não há tradição de arbitragem em Coimbra porque se trata de uma área que está ligada às empresas e o tecido empresarial não é tão forte como o de Lisboa ou do Porto.

O que é a arbitragem?

Chama-se à arbitragem uma justiça de comerciantes. Isto é, são as próprias partes que escolhem os juízes que vão julgar os seus casos. Portanto, escolhem pessoas mais especializadas e com mais tempo. Por outro lado, a arbitragem é muito importante quando se trata de um conflito entre empresas de países diferentes. É um tribunal internacional, com uma justiça mais expedita, mais moderna do que a justiça tradicional e que está a crescer. Em Portugal ainda estamos bastante longe do que devíamos estar, e nunca houve um encontro tão internacional de arbitragem antes deste. Os juristas, sobretudo do Brasil, são a elite da arbitragem brasileira e aproveitaram para fazer um apelo aos juristas de Coimbra, que ainda se podem inscrever em encontrosarbitragemcoimbra@gmail.com.

Poderão ser dados os primeiros passos para a criação de um tribunal arbitral em Coimbra?

Esse não é o objetivo porque não me parece que se justifique. Já há dois bons centros de arbitragem em Portugal, um em Lisboa e outro no Porto. Coimbra pode assumir-se como um

local onde se realizem arbitragens, por ser neutral, central e ter bons profissionais. E é desejável que estes encontros despertem um maior interesse na Universidade de Coimbra, não só em Direito, mas noutras faculdades, para que o estudo da arbitragem aumente.

Como funciona na prática?

Os tribunais arbitrais são feitos para cada caso concreto. Acaba o litígio, acaba o tribunal. A decisão do tribunal arbitral vale o mesmo que a decisão do tribunal judicial e em qualquer país.

Os empresários têm conhecimento desta ferramenta?

Infelizmente, estamos muito longe disso. Em primeiro lugar, a generalidade dos próprios advogados ainda não se apercebeu das enormes potencialidades da arbitragem, quanto mais os seus clientes, os empresários.

Mas é fundamental?

É essencial. A maior parte das empresas portuguesas investe noutros países e nos contratos que fazem não colocam cláusulas arbitrais, podendo correr o risco de ter um litígio a ser resolvido nos tribunais de lá. E não quero dizer que não sejam excelentes, mas nem todos o serão. Portanto, para os empresários exportadores e importadores, a arbitragem é essencial. Para os que vivem do mercado interno, não será tão essencial porque a justiça portuguesa é séria, independente e competente de um modo geral. Só é muito lenta. Mas um árbitro, não tem que ser jurista. Pode ser um médico, um revisor do Tribunal de Contas, um economista.

Uma parceria entre dois advogados. É uma lição?

Na verdade, eu podia fazer este encontro sozinho, mas optei por convidar um grande amigo que também é advogado. Somos sócios de duas principais sociedades de advogados, em termos de dimensão, conhecidas a nível internacional e com mais experiência em arbitragem. E estamos a mostrar que dois concorrentes podem fazer

uma coisa em conjunto. Penso que é uma mensagem muito importante a dar a Portugal. Podemos competir e colaborar uns com os outros.

Que mensagem para os jovens que estão a terminar a licenciatura em Direito?

A mensagem que eu posso dar é a minha mensagem. Quando em 1975 fui para Lisboa, não conhecia ninguém, não tinha nenhuns contactos, nem políticos, nem sociais, nem económicos. Portanto, com muito trabalho, muito esforço e muita determinação, arranjei um lugar ao sol. Este curso para jovens custa 50 euros, uma saída à noite, beber umas cervejas, custa mais do que isso. Mas os estudantes da Faculdade de Direito não pagam, basta inscreverem-se. No entanto, não temos muitas inscrições. Portanto, eu digo: estudem, apliquem-se, trabalhem. Todos os anos no meu escritório entram 20 a 30 estagiários que acabam sócios. A qualidade desses estagiários é melhor do que a do meu tempo. É claro que há uns mais inteligentes do que outros, mas há, sobretudo, os que trabalham mais e os que trabalham menos. Não há nada que se consiga sem esforço. Ninguém nos vem por a comida na boca.

Eduarda Macário
eduarda.macario@asbeiras.pt

destaques

► **Olavo Batista**, que acabou de ser nomeado pelo Banco Mundial, é um dos oradores

► **Presentes** o presidente do Tribunal Constitucional português e uma anterior presidente do Supremo Tribunal Federal Brasileiro

► **A arbitragem** acelera a justiça para empresários

► **Inscrições** para encontrosarbitragemcoimbra@gmail.com